

A Afirmação Nacional da Cultura Avieira

A BATEIRA COMO FACTOR IDENTITÁRIO

Quando nos ocupámos da caracterização da Cultura Avieira, enquanto afirmação de uma comunidade pela sua própria sobrevivência, começámos por enumerar os seus aspectos singulares que contribuem para a valorização da Cultura Nacional.

Este ponto de partida está de acordo com Wittgenstein (2000, 20), ao considerar que «uma cultura é como uma grande organização que atribui a cada um dos seus membros um lugar em que ele pode trabalhar no espírito do conjunto; e é perfeitamente justo que o seu poder seja medido pela contribuição que consegue dar ao todo».

Esta singularidade contributiva (Santos, 2005) da Cultura Avieira que agora nos propomos analisar assenta em três sólidos pilares de uma construção secular, desde que, em meados do século XIX, começaram a chegar ao rio Tejo¹ esses tímidos e discretos pescadores e as suas famílias, provenientes da Praia de Vieira de Leiria. Estas bases materiais são por nós definidas como o barco, a casa palafítica e a gastronomia, tal como está proposto ao Governo Português para se construir a candidatura da Cultura Avieira a património imaterial nacional, e da Unesco, actualmente em curso.

Assim apresentados, estes pilares são por nós considerados como a obra fundamental da vida desta comunidade piscatória do Tejo e do Sado, vivida diária e sofredamente, sem que dela nos tenhamos dado conta e sem que tal nos tenha estranhamente causado, até há bem pouco tempo atrás, uma impressão suficientemente forte para nela repararmos.

Costumamos dizer que a proximidade nos cega e haverá alguma razão para o afirmar. Apesar da sua extraordinária riqueza patrimonial, a cultura destes pescadores foi quase ignorada, ou tratada com muitos preconceitos, salvo raras excepções. Hoje,

¹ Em meados do século Vinte começaram a chegar ao Sado, na região de Alcácer do Sal.

no entanto, os espíritos dos que pacientemente a construíram começam a emergir e a residir em nós, certamente porque ainda por aí andam...

Para identificar as componentes essenciais desta cultura foi-nos necessário mergulhar no contexto em que ela se tem manifestado, o que temos feito de uma forma regular e sistemática. Só assim nos tem sido possível estar atentos aos sinais e às pistas a que elas reportam no campo investigativo. O mergulho prolongado tem exigido dos investigadores preparação e perseverança. Como resultado desta atitude, as mentes foram-se treinando para captar os mais leves indícios, atribuindo-lhes um significado e uma valorização impossíveis noutras circunstâncias.

Os espíritos (os sinais) de que falamos e que agora nos esforçamos por reconhecer, interpretar e contextualizar estão, por exemplo, bem presentes na tela de Torcato Pinheiro, pintor escalabitano que viveu entre 1850 e 1911, e agora apresentamos como ilustração do nosso trabalho. Trata-se de uma obra realizada nos finais do século Dezanove, na qual o pintor testemunhou e traduziu um modo de vida que até há pouco tempo atrás só suspeitávamos ter existido. Nela se revelam traços fundamentais da vida quotidiana dos pescadores avieiros.



Fig. 1. TORCATO PINHEIRO (1850-1911): *Caneiras* (obra não datada, mas proposta como tendo sido executada no final do século XIX). Pertence à Biblioteca Municipal de Santarém

O quadro retrata uma cena com vários motivos, com uma imagem forte: um casal de pescadores sentados numa praia do Tejo. O homem veste calções remendados e uma camisa simples, envergando um barrete preto, típico dos pescadores do litoral central português. Está a remendar as redes. A mulher traça de preto, tem um lenço atado atrás e, no cimo da cabeça, ostenta um chapelinho preto, característico da pescadora da mesma zona. Um adereço tão característico, singular e elegante que dele deu conta Raul Brandão, quando testemunhou, na Praia de Mira, as vivências daquela comunidade piscatória e das suas «mulheres trabalhadeiras, sempre de chapelinho redondo e xaile. Levantam-se de chapéu, deitam-se de chapéu e cuidam que dormem com ele na cabeça» (Brandão, s.d, 77). Pelo que estudámos, este carácter inseparável revela-se também na mulher avieira, tal como documentámos em placa funerária de uma campa do cemitério de Alpiarça, na Fig. 4, na qual a filha do pescador José Fernandes é retratada e identificada com o chapelinho que usou em vida.

Reparamos também que o barrete do homem e o chapelinho da mulher são afinal elementos etnográficos significativos do trajar das comunidades piscatórias do nosso litoral central (aí amplamente disseminados no passado) e também no Tejo, o que nos remete para traços comuns e identificadores de um processo migratório multissecular.

Na tela se evidencia da mesma forma o sombreiro na praia tendo em cima o cesto de verga em construção – ou viveiro para guardar o pescado fresco –, duas tendas de pano e, ao fundo, as nassas a secar perto de um barco de duas bicas – ou bateira – parado na margem junto dos salgueiros. Referimo-nos a *duas bicas*, como sendo a proa e a popa levantadas, dando à embarcação a forma de uma pequena meia-lua.

O pintor descreve com traço quase impressionista o que os investigadores só sabiam de relatos transmitidos oralmente por gerações de Avieiros. Aí se revela o casal, como elemento central da cultura avieira. Aí se evidencia o carácter simples e frugal da sua vida, assim como os instrumentos de que se servem para assegurar a sobrevivência: os toldos que lhes servem de casa provisória, o sombreiro para os proteger do sol na praia, o viveiro de verga, as nassas² e o barco.

Muito embora esteja colocado no segundo plano da pintura, como um elemento secundário e quase dissimulado, o barco assume-se como o elemento-chave para a vida desta família. Pelas mesmas razões, o barco avieiro é o ins-

² Redes cónicas para capturar enguias

trumento essencial para assegurar a sobrevivência de qualquer das inúmeras famílias avieiras ao longo do Tejo – desde Sacavém até Abrantes e Belver – e do Sado³.

Daí termos optado – para este trabalho – por sintetizar a caracterização da Cultura Avieira dela relevando somente os aspectos fundamentais do seu barco, ou bateira. Deixamos para outros estudos os aspectos importantes das casas avieiras, construídas em madeira e assentes em estacaria nas margens do Tejo, e os detalhes significativos da gastronomia, fundados no aproveitamento dos recursos que a natureza proporcionou aos pescadores – as plantas ribeirinhas e o peixe – os quais deram origem a uma arte gastronómica rica, complexa e muito apreciada, com base em produtos simples e naturais.

A BATEIRA, BASE DA ACTIVIDADE E DA SOBREVIVÊNCIA DAS COMUNIDADES AVIEIRAS

A bateira foi, como ainda é, um elemento tão essencial que representou no passado o dote mais valioso para o casamento e para o início da vida de qualquer casal de pescadores. Desta importância nos dão conta Lopes e Serrano (2009, 73), a partir de testemunhos de Avieiros mais idosos. Apuraram que aos noivos pescadores preparados para uma actividade piscatória inevitável se exigia «no mínimo uma ferramenta indispensável: o barco com os respectivos apetrechos, muitas vezes prenda única de casamento».

Do carácter fundamental e mítico deste instrumento para a Cultura Avieira também nos dão conta traços idênticos nas comunidades piscatórias do litoral português. Na Praia de Vieira de Leiria, o barco é um objecto que se incorpora no culto da sua padroeira e nas procissões anuais, sendo transportado num andor, como se revela no documentário «A Festa», realizado em 1975 por António Campos.

Por estas razões, a bateira é o nosso elemento central do trabalho de caracterização sistemática da Cultura Avieira. Vejamos em síntese algumas das suas principais características, dado ter sido instrumento de trabalho, meio de transporte, casa, cozinha, maternidade, berço, enfermaria e leito de morte.

³ Sabemos hoje que os Avieiros se estabeleceram também no rio Sado, junto a Alcácer do Sal, a partir da década de Quarenta do século Vinte.

O BARCO OU BATEIRA AVIEIRA COMO MEMBRO DA FAMÍLIA DAS BATEIRAS PORTUGUESAS

De acordo com Carvalho (2011), «tecnicamente, uma bateira é uma embarcação de duas proas [...], com fundo chato e de forma lanceolada, costados de tábuas lisas pregadas a uma estrutura de balizas fixas ao fundo [...] Move-se a remos e (ou) à vara, por vezes à vela [...] e o seu comprimento varia entre os 4 e os 14 metros» (de acordo com as tipologias de bateiras em anexo, na Fig. 5).

Visto em retrospectiva, no decurso do processo migratório, os barcos dos pescadores da Praia de Vieira de Leiria, ou bateiras, chegaram ao Tejo trazidos por carros de bois. Assim o testemunha – dentre tantos outros – Joaquim Lobo Guerra⁴, filho de António Lourenço Guerra, proveniente da Praia de Vieira de Leiria e agora residente em Alcácer do Sal. Testemunhos que recolhemos naquela praia dão conta que as bateiras também se terão deslocado ao longo da costa em épocas de calmaria.

Joaquim Lobo Guerra, o *Joaquim Pedreiro*, nosso interlocutor, construiu as suas bateiras quer para si quer para outros pescadores que lhas encomendaram. Construiu também a sua casa de madeira, assente em estacaria, bem como as redes. Era praticamente auto-suficiente no conhecimento das técnicas, à semelhança de tantos outros Avieiros, sendo a auto-suficiência um dos traços significativos desta cultura.

Quando a família de Joaquim Guerra veio para Alcácer, à data da Segunda Guerra Mundial, a sua bateira foi transportada desde Valada numa camioneta que ainda tinha caldeiras a vapor para accionar o funcionamento do motor. A família fez-se transportar toda na mesma camioneta.

Pela evidência apresentada, a bateira trazida da Praia de Vieira de Leiria já então era utilizada na foz do rio Lis pelos pescadores, na altura em que o mar não permitia a pesca de arrasto para terra, coincidindo com o Inverno. Tinha uma arquitectura própria que não se afastava do perfil da embarcação do mesmo tipo utilizada na ria de Aveiro e que os pescadores ílhavos tinham disseminado no passado, desde a Afurada até à foz do Guadiana (Fonseca, 2011), ou seja, pelos grandes rios e estuários portugueses, num processo colonizador culturalmente tão rico como desconhecido.

⁴ Joaquim Lobo Guerra nasceu em Valada, povoado ribeirinho do Tejo, junto ao Cartaxo, tendo migrado para Alcácer do Sal na altura da Segunda Guerra Mundial.

Sabemos pelos estudos que estão a ser produzidos que a bateira original, resultante da aplicação de técnicas de construção fluvial dos Ílhavos (Fonseca, 2011), se foi adaptando ao longo dos rios Tejo e Sado, apresentando hoje características distintas da matriz construtiva original das bateiras ílhavas⁵.

No rio Tejo, de um modelo inicial de bateira que chegou a atingir nove metros – designado ainda hoje por *saveiro* na zona de Vila Franca de Xira – e que chegou a pescar na baía de Cascais, se evoluiu para outros tipos de embarcações. Os seus nomes variam: *bateira* (na zona de Azambuja até Chamusca), com comprimento até sete metros, *caçadeira*, até 4 metros, *caçarico ou passa-valas*, até três metros, *azinhagueiro*, até 6 metros e construído especificamente na Azinhaga (Golegã), *barco* ou *canoas*, de 6 metros, utilizado na zona de Barquinha e Constância. A evidência revela que a morfologia das embarcações se foi adaptando aos ecossistemas do Tejo e às formas particulares de construção, específicas das regiões da Borda-d'Água.

No rio Sado ocorreu evolução semelhante, aí surgindo o *saveiro*, de 9 metros, a *bateira*, de entre 6 a 7 metros, e a *caçadeira*, de 4 metros, com tipologias próprias resultantes de adaptações ao meio ambiente daquele rio, e com a particularidade de as proas, de *charrela*, serem rebaixadas por razões funcionais. Ao contrário das restantes bateiras, a de Alcácer não apresenta, no Sado, o formato de meia-lua, proporcionado pelas típicas duas proas ílhavas.

Podemos hoje identificar nove diferentes adaptações do modelo originário dos Ílhavos nas embarcações utilizadas pelos Avieiros nos rios Tejo e Sado. Tal evidência sublinha a complexa evolução cultural destas comunidades piscatórias.

O CENTRO DA VIDA COMUNITÁRIA

Disse-nos o pescador Joaquim Lobo Guerra: «Nós éramos onze filhos, todos nascidos e criados pelo meu pai e pela minha mãe dentro de um barco destes⁶. A minha mãe dormia à proa com o meu pai, dois ou três filhos dormiam debaixo da proa junto deles, e os restantes dormiam no espaço que durante o dia servia como cozinha, no centro do barco. Ali dormiam essas crianças, algumas vezes em

⁵ CARLOS MATEUS DE CARVALHO (2011) considera que a bateira é um tipo único de barco originário de Ílhavo, com comprimentos variáveis entre os 4 e os 14 metros. Pelo estudo que realizámos e pelos testemunhos dos Avieiros, no Tejo e no Sado, em cada região as bateiras assumem nomes e dimensões próprias.

⁶ Ou seja, dentro de uma bateira de sete metros de comprimento.

cima das redes, na companhia de um cão que andava sempre connosco. Quando era para a minha mãe fazer a comida, tínhamos que sair daquele espaço e ir para a zona da proa. Quando era para a minha mãe remar, tínhamos que ir para a zona central – junto da *emparadeira*».

Este relato concorda com a gravura que é apresentada a seguir (Fig. 2).



Fig. 2. Bateira avieira em Benavente (fotografia de autor desconhecido, pertencente ao Museu de Benavente). Toda a vida a bordo é aqui sinteticamente documentada

Nela pode observar-se que existem três divisões, cada qual com uma funcionalidade diferente:

- à esquerda, no espaço que os Avieiros consideram como *quarto*, a mulher lava a roupa e coloca-a a secar, quer na proa, quer no arco de ramo de salgueiro que se encontra na sua retaguarda⁷. Junto dela e na mesma zona, encontram-se a esteira de bunho ou de palha de *tabua*, que servia de colchão, e o toldo que os cobria, quando dormiam ou quando chovia. O toldo está enrolado e colocado em cima da esteira. Debaixo da proa, eram colo-

⁷ O mesmo arco de ramo de salgueiro sobre o qual assentará o toldo, quando a família preparar a embarcação para nela pernoitar ou se abrigar dos temporais.

cadadas as roupas da família, funcionando o espaço como guarda-roupa. O dinheiro proveniente da venda do pescado era aí também escondido, assim como a espingarda, usada para a caça.

- ao centro e junto ao banco de remar encontram-se dois filhos, ainda crianças de colo, uma panela de metal e uma quarta de barro, próprios do local da *cozinha* da bateira.
- à direita, num espaço que os Avieiros consideram como a *oficina*, encontra-se o homem a remendar redes, tendo à frente os paus de freixo com que as fixa no leito do rio e à direita, um viveiro de enguias, de formato triangular e feito de madeira. A rodeá-lo, encontram-se as nassas a secar, atadas em paus de freixo.
- o fundo do barco é forrado com estrados de madeira, ou *paneiros*, que lhe dão conforto e facilitam os movimentos dos ocupantes. A mulher lavava-os regularmente com sabão amarelo, como se do soalho de uma casa se tratasse, o que ainda hoje acontece em alguns casos, nomeadamente na aldeia do Escaroupim, em Salvaterra.

Em Alcácer do Sal encontram-se ainda bateiras com estas três zonas interiores pintadas com cores diferentes, como, por exemplo: a zona da proa pintada a verde-alface; a zona central, a castanho-claro; e a zona da ré pintada a azul-claro. Esta nítida distinção é o resultado da orientação da *camarada* do pescador (atente-se na Fig. 5, em Anexo). Pelos testemunhos, foi a mulher que sugeriu aquela decoração, de acordo com um dos princípios da vida do casal: «tu arranjas o dinheiro e eu ponho a casa».

As bateiras que analisámos em Alcácer do Sal ostentam ainda hoje estas cores no seu interior, contrastando com outras que pintam o exterior – por exemplo, azul-escuro no casco, vermelho nas cintas e amarelo-torrado no espaço entre as cintas e nos *espelhos*⁸.

⁸ Originariamente, as bateiras não ostentavam cores. Eram cobertas com um tipo de alcatrão, um material isolante e muito barato.

A bateira tem assim dois espaços individualizados pelas cores: o interior, com cores a delimitar as zonas funcionais; e o exterior, a transmitir aos outros a individualidade própria de cada família e a sinalizar a identificação e o amor-próprio ou bom gosto de cada um. Em Caneiras, aldeia avieira do Tejo, próxima de Santarém, tais ocorrências também se verificam, como nos testemunhou o mestre Vítor Lobo Tomás. Na aldeia de Escaroupim, em Salvaterra de Magos, e na aldeia do Porto da Palha, na Azambuja, observámos idêntica ocorrência.

Testemunham eles em Alcácer: «A gente conhecia-se uns aos outros pela cor dos barcos: *Olha! Fulano vem acolá... é azul, é Fulano!; é amarelo, é Beltrano!...*»

Pela interpretação sugerida pelos próprios pescadores, as cores garridas das suas embarcações permitem ainda hoje contrastar com o luto das famílias. A exibição da cor vistosa nos barcos não só individualiza cada família e lhe confere identidade própria, como contrapõe optimismo numa vida marcada pela presença quase constante da tragédia. Afinal, os Avieiros andavam quase sempre de luto, *aquase cum'òs ciganos*, como resultado da morte dos seus entes, de acordo com o testemunho de Joaquim Guerra, em Alcácer do Sal, e de Vítor Tomás, nas Caneiras.

UMA PROPOSTA DE SIGNIFICADO PARA AS CORES EXTERIORES DAS BATEIRAS

Em Caneiras, no concelho de Santarém, observámos conjuntos de barcos a pescar em simultâneo (Fig. 3), combinando cores variadas nas suas componentes estruturais: (I) vermelho-ocre com cinta vermelha, (II) azul-claro com cinta vermelho-ocre, (III) azul-celeste e azul-marinho, com cintas vermelhas e remos vermelhos, e (IV) azul-marinho, ou azul-claro, ou laranja forte como únicas cores exteriores.

Em Alcácer do Sal observámos embarcações com: (I) cor-de-laranja intenso ou azul-claro como cores únicas, e (II) azul intenso com cinta dupla de laranja intenso e amarelo vivo, dentre outras.

Em Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos, os barcos têm cor preta de base, com cintas multicoloridas, de vermelho-vivo, grená, verde, e azul-claro. Numa embarcação chegámos a contar seis cores diferentes harmoniosamente aplicadas nas várias componentes estruturais da embarcação, conferindo-lhe uma estética distintiva, atraente e singular.

Constatamos que não existe hoje a predominância de uma cor, pelo contrário, o que contrasta com as embarcações do passado. Como refere um dos nossos interlocutores, mestre Vítor Tomás, os barcos antigamente eram todos pretos

porque não havia dinheiro para comprar tintas. O que usavam para revestir o exterior das embarcações era o pez – ou breu – de cor preta, devido ao facto de ser um isolante bom e barato.

Tem-se analisado bastante o significado das cores. No nosso caso, não só ficámos impressionados, como constatámos empiricamente que ali se expressa uma mensagem, bastante forte, de afirmação cultural de uma comunidade. A ideia que emerge é a da existência de um organismo comunitário único, cujas componentes – os barcos – se diferenciam pelas cores, o que confere uma identidade própria a cada uma das famílias que ocupa cada barco mas que, ao mesmo tempo, propõe uma identidade própria ao conjunto.

Com as cores quentes das embarcações, fica-se com uma sensação estimulante de calor humano e de proximidade, simultaneamente contrastante com as cores frias do verde-azulado do Tejo e do verde forte da mancha de salgueiros da maracha. Somos confrontados com a opacidade que o conjunto propõe, de uma forma desconcertante. Os pescadores estão ali tão perto, mas parecem afinal tão distantes devido à complexidade das mensagens que o arco-íris das suas embarcações transmite, numa profunda e contrastante simbiose, – de quente e de frio–, com as cores envolventes da natureza ali tão presente.

O que deste quadro resulta é a emergência do barco como um símbolo que identifica, pelas cores, esta comunidade com a relação que ela directamente estabelece com o meio natural envolvente e, em simultâneo, com a capacidade que essa mesma comunidade revela em se adaptar a um outro Tejo, que continua a ser fonte de subsistência. Aqui reside o drama desta comunidade: – o Tejo que, historicamente, os trouxe até à Borda-d'Água, ofereceu-lhes condições para nos primórdios viverem nos seus barcos vestidos de um triste luto, porque revestidos de pez. Viveram precariamente mas proliferaram. Em contraste, o mesmo Tejo é hoje o que lhes nega o sustento porque foi esquecido e maltratado pelos que mandaram no País. No entanto, apesar das perspectivas sombrias, os Avieiros ali continuam, já não em barcos vestidos de luto, mas revestidos das cores do optimismo e da esperança.

Qualquer Avieiro que se aproxima da margem do seu Tejo, depois de um dia de pesca, será então reconhecido como o *Fulano* que soube mais uma vez afirmar-se na luta diária contra a adversidade, o que explica afinal um estado de espírito que o leva a pintar os seus barcos com as cores do arco-íris. Haverá uma interpretação possível da cor mais complexa – na sua simplicidade – e uma mensagem cultural mais forte do que esta?



Fig. 3. Cena de pesca nas Caneiras, com bateiras multicores. Nelas, a família Avieira está presente, com a mulher aos remos e o homem a lançar as redes.

O SIGNIFICADO MÍTICO DA BATEIRA

A bateira acompanhou a vida do casal ao longo de toda a sua vida conjugal, desde o acto do casamento. Sem ela, a sobrevivência era impossível. Os actos marcantes da vida familiar e comunitária tiveram sempre um centro relevante nas suas embarcações. O testemunho de um pescador da aldeia do Patacão, em Alpiarça, o *Velho Moreira*, sublinhava com humor que os seus filhos tinham sido concebidos no barco, por debaixo do toldo, no embalo das ondas do Tejo.

Joaquim Guerra, como vimos, deu-nos conta da forma como os seus pais tinham conseguido criar onze filhos na bateira.

Ao fenómeno da vida contrapõe-se dialecticamente o da morte. Razões várias motivaram na comunidade avieira a existência de uma elevada taxa de mortalidade infantil. Alves Redol (Redol, 209-212), de uma forma realista, dá-nos conta do duríssimo facto da morte infantil, na pessoa de *Olinda Carramilo* e do seu filhote *João da Vala*: «Também gemem os remos movidos pela ansiedade de *Olinda*. Tem pressa de chegar a Salvaterra para que o médico veja o filho e lhe tire a dor de que ele se queixa [...] O cão insiste, ela volta-se e vê o bicho com as patas em cima da manta, que depois puxa à dentada. *Olinda Carramilo* larga os remos e afasta o *Malagueiro* a pontapé [...] João da Vala adormeceu e está frio. Porquê, Senhor, porquê?!...»

A narrativa desperta-nos para o papel da mulher, a mesma que é fonte de vida e testemunha solitária e dorida da morte do seu filho. O drama resume afinal os dramas de toda a comunidade. Os testemunhos actuais dos pescadores dão conta desta mesma realidade, explicativa de uma forte solidariedade e enraizado espírito comunitário. O filho de Joaquim Guerra testemunha: «nós somos muito orgu-

lhosos. Eu posso andar à chapada *c'ò mê irmão, mas livrar* do indivíduo que o ofenda seja onde for. Eu estou lá para o defender, ou a outro companheiro. É parte da educação que nós temos, que aqui ninguém briga com familiares ou com idosos. Para a classe somos um pouco sacaninhas uns para os outros, porque a gente tem que defender os pesqueiros, mas em relação aos de fora, nós damos tudo o que temos e o que não temos. Nós somos um livro aberto. Recebemos todo o mundo com carinho e com respeito. Nós lutamos pela sobrevivência, mas na afectividade e no respeito ainda hoje as mantemos. Temos um forte espírito de união, especialmente entre os mais velhos».

Esse mesmo enraizado espírito familiar explica a forma como José Fernandes, pescador avieiro da aldeia do Patacão, em Alpiarça⁹, mandou executar ainda em vida a placa que seria colocada na sua campa e a seguir apresentada.



Fig. 4. Placa funerária do túmulo de José Fernandes e família, no cemitério de Alpiarça

De acordo com Lopes e Serrano (2009, 87), os Avieiros «acreditam num Além que, à semelhança da vida irrequieta que levam, não trará para alguns, imediatamente, a tranquilidade que se espera. Muitos vegetam, ainda durante muito tempo, perdidos nas fronteiras entre este e o *Outro Mundo*».

⁹ José Fernandes foi um dos pescadores que mais cedo se fixaram na aldeia do Patacão, em Alpiarça. Repare-se na bateira de duas bicas ou pequena meia-lua. Há mais duas placas neste cemitério com o mesmo tipo de decoração evocativa, todas pertencentes à família Fernandes. No cemitério de Vale de Figueira, uma placa semelhante com um barco de «duas bicas» está presente no túmulo de José Charana.

Associado a uma vida inteiramente dedicada à pesca e à luta pela sobrevivência, o Avieiro vê a sua bateira como o veículo inseparável que o poderá conduzir ao *Outro Mundo* com segurança. Daí a sua representação tumular de uma forma tão realista quanto possível, para que não haja equívocos – aquela é a bateira daquele defunto, à qual se juntam os peixes que capturou e continuará a capturar, para onde quer que vá. A eternidade está assim assegurada, na companhia da sua família. O mito egípcio está aqui bem presente.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Entendemos a cultura como o resíduo das nossas práticas sociais, filtrado num longo período de tempo. É o tempo – que a história revela –, que confirma o que é bom e o que é destituído de significado, considerando-se o tempo como a passagem de gerações sucessivas de seres humanos que testam formas acertadas de subsistência e de relacionamento. A cultura é, por isso, o resultado da nossa luta permanente pelo reconhecimento e pela construção de significado, num processo constante de elaboração e de domínio de instrumentos de trabalho.

Se estamos correctos, trata-se de um processo cultural o que permitiu produzir embarcações para a pesca no Tejo e no Sado, aperfeiçoando-as continuamente para as adaptar a novas condições naturais, a partir de um modelo concebido originariamente na região de Ílhavo para operar noutros ecossistemas. Tal supôs uma aprendizagem contínua, feita de tentativa e erro, tentando sempre até acertar, para dominar a *arte de saber fazer*, ou seja, a de dominar os instrumentos para produzir os melhores resultados.

Processo longo e exigente, que obrigou os actores a muitos sacrifícios e a construir espíritos fortes. O sucesso significou que a luta pelo reconhecimento teve êxito.

Esta acção continuada pelo domínio de instrumentos e esta luta permanente pelo reconhecimento resultou numa aprendizagem social de boas atitudes que se prolongaram para as gerações seguintes. Tal concorda com Habermas (2001), ao referir que «os instrumentos fixam as regras segundo as quais se pode repetir, sempre que se quiser, a sujeição dos processos naturais», garantindo a consolidação das boas práticas comunitárias e assegurando a sua sobrevivência.

A Cultura Avieira é, pois, a consequência de uma visita permanente aos arquivos da memória comunitária para avaliar o que correu mal no processo vivencial e para determinar as formas de agir correctamente para garantir a

sobrevivência, daí resultando o que de mais essencial nesta cultura reside: a honra e a vida.

Concordando de novo com Wittgenstein (2000, 20) ao incidirmos o foco da nossa atenção para uma época sem cultura, como a actual, verificamos que as forças com capacidade de afirmação cultural se tornaram fragmentárias e enfraquecidas, evidenciando o «espectáculo mais impressionante de uma multidão cujos melhores membros trabalham com vista à realização de fins puramente pessoais...» A consequência é o culto do individualismo, origem da não-inscrição e da redução do espaço público.

Pelo contrário, nas lições retidas pela prática da vida nas comunidades avieiras encontramos fortes razões para fundamentar o ressurgimento da valorização da pessoa, elemento-chave da *res publica*, da democracia, da afirmação cultural das especificidades e da identidade nacional, como contraponto à normalização global.

JOÃO SERRANO

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Raul, *Os Pescadores*, Porto Editora, Porto, s. d.
- CAMPOS, António, *A Festa*. Filme documentário, Cinemateca Nacional, Lisboa, 1975.
- CARVALHO, Carlos Mateus de, «Sobre algumas embarcações que navegavam na laguna de Aveiro, e não só...», comunicação apresentada no âmbito das comemorações do Dia Nacional do Mar – 16 de Novembro de 2011 –, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, 2011.
- FONSECA, Senos da, *Embarcações que Tiveram Berço na Laguna. Arquitectura Naval Lagunar*, Papiro Editora, Porto, 2011.
- HABERMAS, Jürgen, «Trabalho e Interacção», *Técnica e Ciência como «Ideologia»*, Edições 70, Lisboa, 2001.
- LOPES, Aurélio e SERRANO, João, *A Reconstrução do Sagrado. Religião Popular nos Avieiros da Borda-d'Água*, Âncora Editora, Lisboa, 2009.
- REDOL, Alves, *Avieiros*, 12ª ed., Editorial Caminho, Lisboa, 2011.
- SANTOS, Nuno Rebelo dos, *Controvérsia Construtiva nas Equipas Empresariais. Marketing Industrial*, Universidade de Évora, Évora, 2005.
- SERRANO, João. Cf. LOPES, Aurélio.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *Cultura e Valor*, Edições 70, Lisboa, 2000.

